

Grupo de Estudos em Análise de Discurso e Ensino de Línguas

ONOMÁSTICA LITERÁRIA: ANÁLISE DOS ANTROPÔNIMOS E DOS TOPÔNIMOS EM CACAU

LITERARY ONOMASTICS: ANALYSIS OF ANTHROPONYMS AND TOPONYMS IN CACAU

Marilyn Fernandes da CRUZ (UNEB)¹
 Maria da Conceição Reis TEIXEIRA (UNEB)²

RESUMO

Em *Cacau* (1934), Jorge Amado narra a história dos homens e das mulheres ligados, pelas relações de trabalho ou de propriedade, à produção de cacau. Discute tais relações que subjazem da dinâmica do cultivo e comercialização dos produtos advindos da lavoura cacauzeira. Neste artigo, almejamos apresentar uma análise dos antropônimos e dos topônimos documentados em sua narrativa ficcional. Acreditamos que, em função de os textos literários serem instrumentos de preservação e de difusão da cultura, uma análise lexicológica, especialmente no viés onomástico, revela, por intermédio dos nomes personativos, os costumes, as crenças, os valores, as práticas sociais e culturais dos diferentes grupos sociais ali retratados. Os nomes integrantes do *corpus* foram classificados em nomes oficiais, alcunhas/apelidos e sobrenomes e apresentados em fichas lexicográficas contendo informações etimológicas e o contexto de sua ocorrência no romance analisado. Os topônimos foram classificados em consonância a sua natureza motivacional, conforme postula Dick (1990).

Palavras-Chave: Lexicologia; Onomástica literária; Jorge Amado.

ABSTRACT

In Cacau (1934), Jorge Amado narrates the history of men and women linked, through work or property relations, to cocoa production. Discusses such relationships that underlie the dynamics of cultivation and commercialization of products from the cocoa plantation. In this article, we aim to present an analysis of the anthroponyms and toponyms documented in his fictional narrative. We believe that, due to the fact that literary texts are instruments for the preservation and dissemination of culture, a lexicological analysis, especially in the onomastic bias, reveals, through personative names, customs, beliefs, values, social and cultural practices. of the different social groups portrayed there. The names that make up the corpus were classified into official names, nicknames/surnames and surnames and presented in lexicographical sheets containing etymological information and the context of their occurrence in the analyzed novel. Toponyms were classified according to their motivational nature, as postulated by Dick (1990).

Keywords: Lexicology; Literary onomastics; Jorge Amado.

¹Universidade do Estado da Bahia, Bahia, Brasil. Departamento de Ciências Humanas. Integrnte do Núcleo de Estudos do Léxico - NEL; E-mail: marilynfernandesacruz@hotmail.com

² Universidade do Estado da Bahia, Bahia, Brasil. Departamento de Ciências Humanas, Curso de Letras Língua Portuguesa e Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Lider do Grupo de Pesquisa Edição e Estudo de Texto – GEET; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5715-8533>; email: conceicaoreis@terra.com.br

1. Introdução

Desde o momento em que o homem tomou conhecimento de sua existência e compreendeu a sua relação com o mundo a sua volta, sentiu necessidade de nomear todas as coisas. Pessoas, animais, lugares e objetos receberam um nome, de modo a serem reconhecidos por suas semelhanças ou por suas diferenças, ganhando uma “identidade” própria. É por meio das palavras que o homem registra os aspectos de sua vida em sociedade, inclusive pode recorrer à narrativa literária para realizar tal registro.

Acreditamos que a atribuição de nomes a pessoas, a coisas e a lugares, por exemplo, não é uma ação involuntária e inconsciente do homem. Este, quando batiza uma pessoa ou um lugar, segue convenções sociais já estabelecidas no seio da sociedade da qual faz parte e cuja escolha, quase sempre, é fundamentada em uma razão motivacional, seja de base pessoal, seja de base social, arraigada no seio da comunidade. Compete à lexicologia, área da linguística, o estudo do léxico de uma língua e à onomástica a investigação dos nomes próprios, sejam eles de pessoas ou de lugares.

Em *Cacau*, romance publicado em 1934 e ambientado na zona cacauceira da região sul da Bahia, Jorge Amado (1912 -2001) narra a história dos homens e mulheres ligados, pelo trabalho ou propriedade, à produção de cacau. A referida obra pode ser considerada instrumento de preservação e difusão da cultura do povo que habitou a região sul da Bahia, especialmente se consideramos o vocabulário utilizados para tecer sua narrativa ficcional. No presente texto, tem-se por objetivo apresentar uma análise acerca de alguns antropônimos e topônimos documentados na referida obra, de modo a revelar, por intermédio dos nomes próprios, os costumes, as crenças, os valores, as práticas sociais e culturais dos diferentes agrupamentos humanos ali retratados. Ainda que a literatura seja considerada uma ficção, o mundo real se faz presente, uma vez que se constitui matéria-prima para a criação das tramas concebidas pelos escritores.

2. As bases teóricas e metodológicas

A língua é, talvez, o maior patrimônio de um povo. Desde os primórdios, seu uso proporcionou a interação entre os indivíduos, ocasionando a transmissão de valores sociais que fundamentaram a construção de diferentes grupos e culturas. Elementos constituintes de uma língua, as palavras conferem ao homem a capacidade de perceber e de refletir sobre o mundo ao qual pertence e de posicionar-se criticamente perante os fatos que nele ocorrem. Oliveira e Isquerdo (2001) afirmam que “[...] o léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sociolinguístico-cultural” (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p. 9).

Língua e cultura estão fortemente entrelaçadas, sendo a primeira um dos mais importantes traços culturais de um grupo. Instrumento de integração, a língua modifica-se de acordo com as mudanças sofridas pela sociedade com o intuito de se moldar à realidade vivenciada pelo sujeito que a utiliza. Por intermédio dela, os indivíduos encontram-se aptos a estabelecer uma comunicação, partilhando suas experiências, costumes e ideias. De acordo com Furtado *et al* (2006), a língua é capaz de consolidar os vínculos entre seus falantes, tornando-se para estes um patrimônio coletivo, ainda que cada um deles possa utilizá-la de maneira particular.

A cultura, por sua vez, traduz-se pela reunião dos saberes, artes, crenças, valores, práticas, modos e costumes peculiares de determinada comunidade, portanto, coletiva. Em tal perspectiva, a cultura vislumbra e é fator distintivo e, como tal, marca identitária de um povo.

É importante destacar aqui a existência de diversos conceitos de cultura, de língua e de sociedade, adaptados para atender as demandas das áreas que deles se apropriam. A respeito de cultura, por exemplo, Edgar Morin (*apud* FURTADO *et al*, 2006), antropólogo, sociólogo e filósofo francês, diz que:

A cultura, que é característica da sociedade humana, é organizada / organizadora via o veículo cognitivo que é a linguagem, a partir do capital cognitivo coletivo dos conhecimentos adquiridos, das aptidões aprendidas, das experiências vividas, da memória histórica, das crenças míticas de uma sociedade. Assim, se manifestam 'representações colectivas', 'imaginário colectivo'. E, dispondo do seu capital cognitivo, a cultura institui as regras/normas que organizam a sociedade, dirigem os comportamentos individuais. As regras/ normas culturais geram processos sociais e regeneram globalmente a complexidade social adquirida por essa mesma cultura (MORIN *apud* FURTADO *et al*, 2006, p. 93).

A língua integra o homem na sociedade, permitindo-o ter acesso à cultura desta. Em contato com a cultura, o indivíduo passa a construir sua(s) identidade(s). Mattoso Câmara Jr. (1955) afirma que a língua pode ser concebida como um elemento integrante da cultura, cuja finalidade é a comunicação social. De caráter independente, a língua é o único elemento da cultura capaz de expressar os demais. Para Câmara Jr. (1955), “[...] a língua depende de toda [sic] a cultura, pois tem de expressá-la a cada momento; é um resultado de uma cultura global” (CÂMARA JR., 1955, p.53).

Um dos componentes culturais manifestados pela língua, a literatura se mostra um importante recurso por meio do qual se faz possível acessar registros de fatores socioculturais de uma comunidade. Ainda que nele figurem fatores ficcionais, o texto literário, de alguma forma, se apropria de aspectos da realidade para descrever o indivíduo e a sociedade na qual este se insere. Dentre tais aspectos encontra-se, de maneira muito forte, o vocabulário utilizado pelos escritores para tecer suas narrativas ficcionais. A fim de se conhecer o modo de vida social e cultural experimentados no passado e identificar os ecos deste no momento presente,

faz-se necessário lançar um olhar sobre o vocabulário empregado em ambas as épocas. O estudo do léxico mostra-se de grande relevância para o conhecimento de aspectos sócio-históricos, políticos e culturais de um determinado grupo assim como para o entendimento do estilo de vida por ele adotado, conforme dito anteriormente.

Um das formas de se enveredar pelos meandros dos estudos lexicológicos é tomar os textos literários e estudar o léxico utilizado pelo autor da obra em análise, seja em uma perspectiva sincrônica, seja em uma perspectiva diacrônica, seja na perspectiva terminológica, seja na perspectiva terminológica lexicográfica, seja na perspectiva lexicológica, seja organizando os dados, obedecendo princípios semasiológicos, seja organizando os dados, obedecendo princípios onomasiológicos, por exemplo. Na perspectiva da semasiologia, parte-se dos significantes para indagar sobre os significados ou sobre o fenômeno da significação. Na onomasiologia, parte da significação para encontrar o significante, isto é, a designação linguística dos conceitos estudados.

Entre as áreas de interesse da lexicologia, ciência encarregada de estudar o léxico e suas estruturas, encontra-se a onomástica, campo responsável pela investigação dos nomes próprios, independentemente do gênero. Da onomástica, por sua vez, fazem parte a antropônimo, que consiste no estudo dos nomes próprios de pessoas, e a toponímia, que centra seu olhar para os nomes de topos, como, por exemplos, os nomes atribuídos às vilas, aos povoados, às ruas, às avenidas, às praças, às cidades e aos acidentes geográficos.

Segundo Dick (1990), estudar os nomes próprios é a possibilidade de averiguar os “[...] rumos tomados pelos falares ao longo dos períodos históricos, de comportamentos presentes no cotidiano e de atitudes morais ou operosas valorizadas pela população”. Nessa direção, Hamesteir (2011) assevera que:

Sendo o nome um bem de consumo obrigatório e ao mesmo tempo gratuito, se coloca – independente das múltiplas formas e abrangências que possam ter nas sociedades onde existem – como traço comum e estrutural de todas elas. O nome existe e é regulado pelas práticas e necessidades do agrupamento onde foi atribuído. As práticas de composição e repasse dos nomes – prenomes ou sobrenomes – variam de acordo com local e época. Os estoques de nomes se renovam. Nomes decaem e outros ascendem no gosto social. Mas a desinência pessoal é fenômeno comum a todas. É, portanto, importante entender mecanismos de seus repasses, criação, aceitação, decadência e abandono para melhor compreender as realidades passadas que tentamos atingir através do nome próprio como principal identificador, ainda que não único (HAMESTEIR, 2011, p. 460).

No que diz respeito aos nomes de pessoas, Hamesteir (2011) afirma que a atribuição de nomes é uma prática social e, por conseguinte, está sujeita às normas sociais de cada época. Segundo esse autor, são quatro as principais intenções que normalmente orientavam o batismo de crianças, jovens e adultos. Isto dava-se ou por anseio de proteção mística ou para perpetuar um nome ou para introduzir novos nomes ou para aproximar

adultos. No que diz respeito aos nomes de topos, Dick (2007, p.141) afirma que o signo topônimo embora seja, em sua estrutura, uma forma de língua como qualquer outro signo linguístico, em sua funcionalidade de seu emprego, no ato do batismo de um lugar, transforma-se em essencialmente motivado. Segundo Dick (2007), a motivação toponímica transparece

[...] na intencionalidade que anima o denominador, acionado em seu agir por circunstâncias várias, de ordem subjetiva ou objetiva, que o levam a eleger, num verdadeiro processo seletivo, um determinado nome para este ou aquele acidente geográfico; — e, a seguir, na própria origem semântica da denominação, no significado que revela, de modo transparente ou opaco, e que pode envolver procedências as mais diversas. (DICK, 2007, p.141)

Por isso, acreditamos que estudar o nome próprio, seja ele de pessoas seja de lugares, é muito relevante para resgatar não só a história do nome, mas também aspectos singulares daquelas sociedades que nominam seus entes queridos e os espaços que ocupam, revelando nuances ainda desconhecidas sobre o *modus vivendi* de uma determinada sociedade, especialmente aquela retratada por Jorge Amado no romance *Cacau*, manifestação linguística e cultural do sul da Bahia.

Para a coleta dos dados e constituição da amostra analisada, utilizamos a ferramenta computacional informatizada *AntConc*, software desenvolvido por Laurence Anthony, que permite coletar e quantificar os dados de forma mais precisa. Além disso, permite identificar os contextos de ocorrência e o ranque do signo linguístico em relação ao universo do vocabulário utilizado pelo autor na obra em análise.

Uma vez realizado o levantamento dos antropônimos e dos topônimos, procedemos a sua classificação, isolando os nomes de pessoas dos nomes de lugares. Os primeiros foram agrupados em nomes masculinos e nomes femininos, subdividindo-os em nomes, alcunhas e sobrenomes.

Na sua apresentação, adotamos fichas lexicográficas contendo a entrada lexical em caixa alta, informação onomástica, número de entrada, informação gramatical, a etimologia, as acepções dicionarizadas, o número de entradas e o contexto em que aparecem, conforme pode-se observar no exemplo de ficha lexicográfica apresentada a seguir:

Quadro 1 – Modelo de ficha lexicográfica para os antropônimos.

ENTRADA LEXICAL	INF. ONOMÁSTICA	N. DE ENTRADAS	INF. GRAMATICAL
MAGNÓLIA	Antropônimo/Nome próprio	39	Substantivo feminino
Etimologia: DELP: MAGNÓLIA, do latim científico <i>magnólia</i> (CUNHA, 2007).			

Informações Enciclopédicas:

DOELP: O referido antropônimo é mencionado por MACHADO (s/d, p. 922) como “nome de flor”. Ferreira (, p. 1065), declara que o nome foi baseado em Magnol, sobrenome do botânico francês Pierre Magnol. Refere-se a uma árvore (ou a flor desta), “cultivada como ornamental e procedente das terras boreais”, cujas flores são belas e perfumadas.

Abonação:

1. “[...] Colodino iria também e levaria a noiva, **Magnólia** a morena mais bonita da zona [...]”. (p. 56).
2. “[...] **Magnólia** era bonita, sim. Não como essas roceiras heroínas de romances de escritores que nunca visitaram uma roça. Mãos calosas e pés grandes [...]”. (p. 56).

Fonte: *Corpus* das autoras.

Elaboração das autoras.

Para os topônimos, uma vez inventariados os signos toponímicos registrados por Jorge Amado, em *Cacau*, adotamos a classificação taxionômica proposta por Dik (1990, 1992). A referida autora, quando realizou trabalho pioneiro e basilar sobre a toponímia brasileira, constatou que a motivação da nossa prática toponímica estava ancorada em aspectos relacionados ao ambiente natural ou aos aspectos antropoculturais. Propôs 27 taxes, sendo 11 relacionadas ao ambiente natural – Astrotopônimos, Cardinotopônimos, Cromotopônimos, Dimensiotopônimos, Fitotopônimos, Geomorfotopônimos, Hidrotopônimos, Litotopônimos, Meteorotopônimos, Morfotopônimos, Zootopônimos – e 16 que refletem aspectos antropoculturais – Animotopônimos, Antropotopônimos, Axiotopônimos, Corotopônimos, Cronotopônimos, Dirrematopônimo, Ecotopônimos, Ergotopônimos, Etnotopônimos, Hierotopônimos, Historiotopônimos, Hodotopônimos, Numerotopônimos, Poliotopônimos, Sociotopônimos, Somatopônimos.

Na apresentação dos topônimos, adotamos uma ficha lexicólogo-toponímica contendo o topônimo, a classificação taxionômica, o número de entrada, a etimologia, informações enciclopédicas e a abonação.

Quadro 2 – Modelo de ficha lexicográfica-toponímica para os topônimos.

TOPÔNIMO: SERGIPE	TAXIONOMIA: Hidrotopônimo	Nº DE ENTRADAS 7
ETIMOLOGIA:	DELP (TOMO II): Do tupi <i>si 'ri ü pe</i> , “no rio do siri”. O e terá vindo por dissimilação (p.280).	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:	DELP (TOMO II): Estado do Brasil. Primitivamente nome do rio junto à barra do qual teve a capitania teve a sua primeira situação. [...] O nome antigo da capitania era Seregipe del Rei: “Este distintivo Real bem mostra ser o próprio monarca, o que mandou fundar esta capitania...” (Jaboatão). O rei foi Felipe I [...] (p.280).	
ABONAÇÃO	1. “[...] Depois que ele morreu, mamãe passou um ano meio alucinada, jogada para um canto, sem ligar aos filhos, sem ligar às roupas,	

	<p>fumando e chorando. Tinha ataques por vezes horríveis. E enchia de gritos dolorosos as noites calmas do meu Sergipe [...]”. p. 17.</p> <p>2. “[...] Poucas fortunas em Sergipe igualavam nesse tempo à sua. Dava esmolos unicamente ao convento (onde papava jantares) e ao orfanato. [...]”. p. 25</p>
--	--

Fonte: *Corpus* das autoras.

Elaboração das autoras.

Para as informações de carácter etimológico, consultamos inicialmente MACHADO (2003 [1981]), NASCENTES (1952) e CUNHA (1982). Em algumas situações nas quais os dicionários etimológicos não abonavam os nomes estudados, recorreremos ao auxílio de verbetes contemporâneos, visando obter dados sobre a origem dos mesmos, foram consultados os seguintes lexicógrafos AULETE (1958), FERREIRA (1986) e HOUAISS (2009).

3. Análise onomástica de *Cacau*

Antes de adentrarmos na análise dos nomes próprios inventariados na obra *Cacau*, cabe tecer breves considerações sobre o romance objeto material de estudo.

As obras produzidas por Jorge Amado, na década de 1990, buscam refletir as preocupações sociopolíticas da época, funcionando como instrumentos de denúncia social, relatando as desigualdades socioeconômicas enfrentadas, sobretudo, pela região Nordeste. Um exemplo é seu segundo romance *Cacau* (1934), ambientado no sul da Bahia, em que o autor narra em primeira pessoa a história de José Cordeiro, apelidado Sergipano, o filho de um industrial que, destituído de suas posses, torna-se trabalhador de uma fazenda cacauceira. Ao deparar-se com as injustiças sociais, o personagem mobiliza seus companheiros de trabalho com o intuito de lutar contra a situação de semiescravidão à qual eram submetidos. O livro, assim como tantos outros que o escritor viria a lançar posteriormente, visou denunciar as péssimas condições a que os trabalhadores eram submetidos nas plantações de cacau e despertar uma consciência político-ideológica em seus leitores.

Acreditamos que os nomes próprios que figuram no romance *Cacau* são frutos de escolhas intencionais do autor. Conforme dito anteriormente, os nomes próprios são reflexos da mentalidade de uma época e, por conseguinte, dizem muito sobre a sociedade que os utilizam. Tais escolhas, na obra ficcional, inicialmente, são mediadas pelas experiências sociais, culturais, históricas e ideológicas daquele que tece a narrativa. A partir de um leque de possibilidades disponíveis no paradigma de nomes já existente na língua, o autor elege alguns nomes para batizar os personagens e os espaços onde o enredo se desenrolará. Além

disso, na elaboração de uma narrativa plausível, lastreada no princípio de verossimilhanças, necessário se faz a escolha deste nome e não daquele.

É mister destacar ainda que nos mais diversos grupos sociais, desde antes do nascimento, a escolha do nome de uma criança constitui tarefa de suma importância, afinal, será essa uma de suas primeiras marcas identitárias. Conceder determinado nome em detrimento de outros vai além de mero gosto pessoal; funciona como reflexo das convicções ideológicas dos pais assim como dos aspectos sociopolíticos e culturais da sociedade em que estão inseridos.

3.1. Os antropônimos

Conforme mencionado anteriormente, a antroponímia é um dos campos da onomástica, dedicado ao estudo dos nomes próprios de pessoas. Importante ressaltar que a antroponímia não está limitada à análise do primeiro nome, mas também dos sobrenomes, apelidos e alcunhas. Segundo Carvalhinhos (2011), no passado, os nomes de pessoas encerravam um caráter significativo devido à sua carga semântica, carga esta transmitida ao indivíduo no momento do batismo. Com o passar do tempo, porém, foram perdendo sua essência etimológica, tornando-se mais distintivo que significativo.

Muitas podem ser as motivações que levam um nome a ser selecionado. Carvalhinhos (2011) elenca quatro motivos que teriam dado origem a alguns nomes próprios. São eles: a) fatores políticos, históricos e religiosos; b) aspectos relacionados ao nascimento (tempo, lugar) ou a características físicas e morais; c) nomes de profissões; d) nomes curiosos ou excêntricos.

A análise dos antropônimos, constantes no romance objeto do estudo, parece corroborar com a assertiva: a linguagem registra as características socioculturais de um povo. Os nomes próprios, utilizados por Jorge Amado para nominar os personagens em seu romance *Cacau*, funcionam como fator de identificação e singularidade, revelando, de certo modo, aspectos que conferem identidade aos personagens e lugares. Ao escolher determinado nome para seus personagens ou para os ambientes que servirão de cenário a sua narrativa ficcional, o autor faz refletir sua visão de mundo e também os valores culturais que reconhece como inerentes ao grupo social por ele representado, no caso de *Cacau*, a região sul baiana.

Com relação aos antropônimos, foram selecionadas 54 lexias, sendo metade desse número (27) designativas de personagens femininas e a outra metade (27) designativas de personagens masculinas. Dentre os antropônimos femininos, 22 foram classificados como nomes oficiais e 5 como apelidos/alcunhas. Dentre os masculinos, distinguiu-se 17 nomes oficiais e 10 apelidos/alcunhas, conforme podemos ver no quadro 3.

Quadro 3 - Antropônimos em *Cacau*, de Jorge Amado

Antropônimos femininos e masculinos em Cacau.		
ANTROPÔNIMOS FEMININOS	nomes oficiais	Amélia, Antonieta, Alda, Arlinda, Celina, Clara, Coleta, Elza, Gilca, Isabel, Júlia, Lourdes, Madalena, Magnólia, Mária, Maria, Margarida, Raimunda, Rita, Rosália, Virgulina, Zilda
	apelidos/alcunhas	Mariazinha, Sinhá Margarida, Tia Santa, Zefa
ANTROPÔNIMOS MASCULINOS	nomes oficiais	Algemiro, Antônio, Domingos, Henrique Silva, Honório, Isaac, João Silva, João Evangelista, José Rodrigues, Luís, Manoel Misael de Souza Teles, Miguel, Nilo, Osório, Roberto, Sinval, Valentim, Vicente.
	apelidos/alcunhas	Antônio Barriguinha, Colondino, Chico Arruda, Mané Frajelo, Mané Miseravi Saqueia Tudo, Merda Mexida Sem Tempero, João Vermelho, José Grilo
SOBRENOMES		Amaro, Arruda, Cordeiro, Evangelista, Nabuco, Nascimento, Oliveira, Reis, Rodrigues, Seabra, Silva, Silveira, Souza, Telles

 Fonte: *Corpus* das autoras.

Elaboração das autoras.

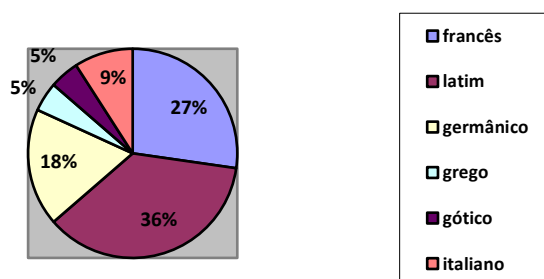
No *corpus* analisado, verificamos a presença de seis nomes próprios constituídos de mais de um nome, isto é, composto de prenome, nome e sobrenomes. São eles: Manoel Misael de Souza Teles, João Silva, João Evangelista, José Rodrigues, Henrique Silva e Chico Arruda. Tais nomes batizam personagens masculinos que desempenham papel social relevante dentro da trama narrada. São coronéis, amigos de coronéis e fazendeiros donos de grandes propriedades agrícolas.

Dentre a categoria dos nomes femininos, observamos a ausência de sobrenomes. As personagens femininas foram nomeadas apenas com um nome, por exemplo, Amélia, Antonieta, Alda, Arlinda, Celina, Clara, Coleta, Elza, Gilca, Isabel, Júlia, Lourdes, Madalena, Magnólia, Mária, Maria, Margarida, Raimunda, Rita, Rosália, Virgulina, Zilda. Tal ausência pode significar o apagamento da figura da mulher na sociedade, colocando-a em posição de subalternidade. Era muito comum nas chamadas sociedades patriarcais a anulação da mulher, reservando-lhes apenas poucos papéis sociais. A elas só eram possíveis as funções de esposa, mãe e dona de casa. A situação parece replicar-se na narrativa ficcional, onde as mulheres não figurarem em posições importantes na vida social. Isto pode ser observado a partir da prática de atribuição dos nomes. Nessa direção, Finch (2008) diz que os sobrenomes são tomados como formas de inserir a pessoa em uma rede de relações sociais já existentes. Assim sendo, os sobrenomes têm a dupla função: (1) identificar uma pessoa como parte integrante de uma rede e (2) criar essas relações. A não presença dos sobrenomes

femininos pode sinalizar, portanto, para a exclusão desta da sociedade. Podemos inferir que os nomes revelam noções de pessoa e participam de sua criação e, conseqüentemente, estão relacionados com o modo de pensar daqueles que atribuem nomes a uma pessoa.

Quanto à etimologia, constatamos que, dentre os antropônimos femininos, o maior percentual diz respeito aos nomes de origem latina, tanto para nomes oficiais (36,36%) quanto para apelidos/alcunhas (80%), conforme podemos ver no gráfico 1. Em relação aos antropônimos masculinos, temos a predominância de nomes hebraicos (6 dentre os 17 selecionados para este recorte), já, entre os apelidos/alcunhas, o latim prevalece com 62,50%. Observamos também a supremacia da etimologia latina entre a categoria dos sobrenomes.

Gráfico 1 – Etimologia dos antropônimos oficiais femininos em *Cacau*, de Jorge Amado.



Fonte: *Corpus* das autoras.
Elaboração das autoras.

3.2. Os topônimos

Sabe-se que os estudos lexicais, enquanto registros culturais, transcendem o viés puramente linguístico, funcionam como um instrumento de resgate memorialística de um povo. Desta forma, o ato de nomeação de um lugar reflete perspectivas de caráter social, político e ideológico por parte do denominador que, ao escolher determinado nome, manifesta através dele sua percepção de mundo assim como a do grupo a que pertence.

A toponímia é uma disciplina de natureza interdisciplinar, compreendendo diversas áreas do conhecimento como a linguística, a geografia e a história. Segundo Dick (1982), o topônimo é um signo linguístico como qualquer outro, diferenciado, contudo, “[...] pela função específica de identificação dos lugares” (DICK, 1982, p.75). Detém em si, além de um caráter denominativo, uma perspectiva referencial.

A fim de minimizar o elevado teor subjetivo manifestado nas pesquisas toponímicas, uma vez que as explicações acerca da motivação do nome dependem da maneira como o pesquisador irá analisar as informações, Dick (1990) estabeleceu um modelo taxionômico para os topônimos propondo a sua classificação em taxionomia. Na obra em análise, pautados em critérios estritamente linguístico, foram identificados onze nomes designativos de espaços, os quais foram categorizados, conforme a classificação taxionômica proposta por Dick (1990), em hidrotopônimos (Bahia, Sergipe, Rio de Janeiro), geomorfotopônimos (Ilhéus, Morro da Conquista), hagiopônimos (São Cristóvão, São Paulo), litotopônimos (Itabuna, Rua da Lama) e Sociotopônimo (Fazenda Fraternidade), com prevalência dos primeiros.

No que diz respeito à origem dos topos, a análise das fichas lexicológica-toponímicas revelou que, quanto à etimologia³, 80% dos topos são de origem da língua latina (8 casos) e 20% de origem tupi (2 casos).

4. Considerações Finais

Em *Cacau*, espaços reais e fictícios se inter cruzam de modo a compor o cenário no qual a história se desenrola. Sobre os topônimos presentes na ficção, Carvalinhos (2009) assegura que:

[...] Uma análise toponímica (ou seja, linguística, com contribuições da geografia, história, urbanismo etc.) priorizará o dado que possa ser abonado em outras fontes que não literárias; uma análise literária focará a criação do espaço desde um outro prisma que não necessariamente o histórico (CARVALINHOS, 2009, p. 88).

A investigação acerca da etimologia e provável motivação dos antropônimos e topônimos na obra evidenciam, dentre outros aspectos, as marcas da influência dos colonizadores portugueses, por meio dos quais herdou-se a língua portuguesa, ponto de contato com o latim, justificando a elevada ocorrência de nomes de origem latina. Ideologias políticas, religiosas e fatores de estratificação social também podem ser visualizados através da investigação onomástica. A realização desse estudo onomástico, no interior de um texto literário, mostra-se relevante devido à importância da narrativa ficcional enquanto recurso empregado pelo homem a fim de documentar a herança léxico-cultural dos seus antecedentes.

Observando o sentido de base etnológica nos nomes e a descrição física e psicológica dos personagens da obra ficcional em apreço, o sentido de base dos antropônimos estudados parece estabelecer certa relação

³ O topônimo Ceará foi classificado como sendo de etimologia desconhecido, pois, conforme registra Nascentes (1952), sua origem é duvidosa.

com as características físicas, psicológicas (Mária, Grilo) e personalidade (Honório, Souza) de alguns personagens. Cabe, contudo, advertir que o nome próprio de pessoas pode sofrer esvaziamento semântico ao longo da história da língua. Isto significa que os nomes personativos, passadas gerações, quando um ente é batizado com um nome cuja existência transcendeu gerações, este, normalmente, já não mais detém o mesmo sentido de quando fora cunhado e empregado pela primeira vez. Como ocorre com qualquer outro signo linguístico comum, os nomes próprios também podem passar por processo de mudança.

A escolha dos nomes próprios quase sempre tem uma motivação, seja religiosa, seja política, seja ideológica, seja identitária. A ocorrência de nomes de motivação religiosa determinando alguns personagens e locais parece ser intencional, objetivando retratar a religiosidade do povo baiano, principalmente no que tange às práticas religiosas fundamentadas no catolicismo.

A linguagem registra as características socioculturais de um povo. A análise onomástica do romance de Jorge Amado possibilita ao público-leitor, no ato da leitura, confrontar os significados dos nomes às características físicas e/ou emocionais dos personagens, traçando-lhes um perfil adequado dentro da história. Os nomes próprios documentados no romance funcionam como fator de identificação e singularidade, revelando, de certo modo, aspectos que conferem identidade aos personagens e lugares. Ao escolher determinado nome para seus personagens ou para os ambientes que servirão de cenário a suas histórias, o autor faz refletir sua visão de mundo e também os valores culturais que reconhece como inerentes ao grupo social por ele representado, no caso de *Cacau*, a região sul baiana.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Cacau**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1934].

AULETE, C. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1958. 5v. CÂMARA JR., J. Mattoso. Língua e cultura. In: **Revista Letras**, [S.l.], v. 4, dez. 1955. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/20046>>. Acesso em: 08/08/2021.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. Interface onomástica/literatura: a toponímia, o espaço e o resgate de memória na obra *Memórias da Rua do Ouvidor*, de Joaquim Manuel de Macedo. In: **Cadernos do CNLF**, vol. XII. n. 10, Rio de Janeiro: CiFEFil, 2009. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/xiicnlf/10/09.pdf>>. Acesso em: 03/10/2021.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. As origens dos nomes de pessoas. In: **Domínios de Lingu@gem**, [S.l.], v. 1, n. 1, jan. 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11401>>. Acesso em: 30/09/2021.

CUNHA, A. Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DICK, Maria Vicentina de P. do A. Origens históricas da toponímia brasileira: os nomes transplantados. In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, 1982; 24: 75-96. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/69706/72364>>. Acesso em: 11/08/2021.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A estrutura do signo toponímico. In: **Revistas USP**. 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/download/115875/113377/>>. Acesso em 2012/2021.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A Motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo/Edições Arquivo do Estado, 1990a.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e antroponímia no Brasil**: coletânea de estudos. 2.ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990.

FERREIRA, Aurélio B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2 ed. ver. amp. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

FINCH, Janet. Naming names: kinship, individuality and personal names. **Sociology**. Los Angeles, London, v. 42, p. 709-725, 2008. Disponível em: <https://www.britisoc.co.uk/publications/sociology-journal/>. Acesso em 2012/2021.

FURTADO, Clécia Maria N. M. et al. Língua – Sociedade – Cultura: uma relação indissociável. In: **Princípio**, n. 14, dezembro/2006, João Pessoa. Disponível em: <<http://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/principia/article/download/282/239>>. Acesso em: 25/10/2021.

HAMEISTER, Martha D. **Uma contribuição ao estudo da onomástica no período colonial**: os nomes e o povoamento do Extremo Sul da Colônia (Continente do Rio Grande de São Pedro, c. 1735-c. 1777). 2011. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/cedope/files/2011/12/Uma%20contribuicao%20ao%20estest%20da%20onomastica%20-%20Martha%20Daisson%20Hameister.pdf>>. Acesso em: 21/02/2021.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1 CD-ROM.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa**. 3 v. Lisboa: Horizonte; Confluência, 2003[1981].

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**: nomes próprios. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1952.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. Apresentação. In: _____ (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2 ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.